



## **Os usos da telenovela por jovens de classe média: anotações sobre a apropriação da ideologia do desempenho<sup>1</sup>**

Veneza Mayora RONSINI<sup>2</sup>

Lirian SIFUENTES<sup>3</sup>

Marco Antonio NEVES JUNIOR<sup>4</sup>

Laura Hastenpflug WOTTRICH<sup>5</sup>

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

### **Resumo**

O texto descreve a aplicação do modelo metodológico de codificação/decodificação em análise comparativa das representações da pobreza na telenovela e das leituras das mesmas efetuadas por 20 jovens de classe média. Nosso objetivo é entender os modos de assimilação da ideologia do desempenho, a qual torna opaca a desigualdade brasileira, por outro lado, verificar a construção de representações que a desmascaram. Os resultados apontam que uma parcela dos entrevistados procede a uma leitura opositiva à ideologia do desempenho, percebendo as causas estruturais da pobreza em detrimento das capacidades individuais; outros, a uma visão de mundo negociada que se caracteriza pela percepção oscilante entre considerar causas estruturais e individuais; por último, parte dos jovens reproduz a visão hegemônica, atribuindo ao indivíduo total responsabilidade acerca da sua posição na hierarquia social.

### **Palavras-chave**

Telenovela; representações; classe média; codificação/decodificação.

### **Introdução**

O objetivo do texto é compreender as relações entre as representações da pobreza na telenovela das Oito e a reprodução da ideologia do desempenho, com base na análise da telenovela e das apropriações efetuadas por jovens de classe média. Tanto para a análise das representações na telenovela quanto para as leituras efetuadas pelos

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no NP Ficção Seriada do VIII Nupecom – Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Professora no Depto de Ciências da Comunicação e do P. de Pós-Graduação em Comunicação Midiática/UFSM/RS, Pesquisadora do CNPq, email: roma5@terra.com.br.

<sup>3</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Midiática/UFSM/RS, email: lisifuentes@yahoo.com.br.

<sup>4</sup> Bolsista de Iniciação Científica do CNPq, acadêmico do sétimo semestre do Curso de Comunicação Social/Relações Públicas/ UFSM, email: marconeves\_rp@yahoo.com.br.

<sup>5</sup> Bolsista do PET/SESSu/MEC, acadêmica do sétimo semestre do Curso de Comunicação Social/ Publicidade e Propaganda/ UFSM, email: lwottrich@gmail.com.



receptores aplicamos o modelo da codificação/decodificação (Hall, 2003; Morley, 1996).

Apesar do foco do estudo ser a telenovela das Oito, completamos nossa compreensão sobre os vínculos entre receptores e televisão com a análise dos usos do fluxo televisual, tanto no que diz respeito aos usos da ficção televisiva como do telejornal, em função de que a maioria também assiste o noticiário com a família. O enfoque teórico da investigação mais ampla, acerca dos usos sociais da telenovela por jovens estudantes do ensino médio e da qual o presente texto é um excerto, é múltiplo, combinando as contribuições de diversos autores dos estudos culturais latino-americanos e Immacolata Lopes, Jesús Martín-Barbero, Guilherme Orozco Gomes e Néstor Garcia Canclini. Além disso, buscamos na sociologia teorias como a de Jessé de Souza (2003) que ajudem a compreender a especificidade da modernidade brasileira uma vez que sabemos da necessidade da integração entre as esferas micro e macrosociais.

Um dos aspectos cruciais do trabalho diz respeito à aplicação empírica na AL do modelo das mediações, isto é, concordamos quando Lopes argumenta sobre a necessidade de inserir a chamada teoria das mediações dentro do parâmetro das teorias das classes sociais, o que metodologicamente implica "operar com um princípio estrutural básico de articulação das mediações"; por outro lado, enfatiza a premente associação entre práticas cotidianas de comunicação com as relações de poder (1993, p. 101). Este argumento direciona todo o percurso da investigação.

Outra observação pertinente é que neste estágio de interpretação dos dados empíricos ainda não é possível entender a mediação da escola, da família e mesmo do *habitus*, restringindo-nos a comentar alguns aspectos do papel das instituições socializadoras e a observar que as leituras da televisão não podem ser diretamente relacionadas à posição de classe, não só porque posições não estão estreitamente ligadas a tipos específicos de consciência ou visões de mundo como também todas as classes, de algum modo, estão sujeitas a formações discursivas comuns. Apesar disto, nossa intenção é verificar se existe a tendência para que certas leituras e representações tenham relação indireta com a posição de classe.



### **Aplicabilidade do modelo de codificação/decodificação**

O modelo de Stuart Hall - apresentado pela primeira vez em um colóquio organizado pelo Centre for Mass Communications Research na Universidade de Leicester nos anos 1970 - foi recentemente reexaminado por David Morley (2006) após longos anos de sua aplicação no seu estudo de recepção publicado com o título de *Nationwide Audience*. Nesta reavaliação, Morley (2006, p. 108-109), dentre outras coisas, mostra que, apesar das limitações do modelo encoding/decoding, ele continua aberto a novas formulações e que sua fecundidade não foi devidamente explorada em trabalhos posteriores.

Nossa pretensão aqui é relatar a adequação que fizemos para aplicar o modelo na análise dos dados de 20 receptores de classe média, enfatizando sua compatibilidade com a tarefa de avaliar as leituras preferenciais, negociadas ou opositivas efetuadas pelo receptor. Tais leituras serão explicitadas, depois, a partir das definições que temos do hegemônico e do contra-hegemônico, da experiência dos receptores e da própria análise da telenovela, uma vez que a definição de leituras preferenciais, negociadas ou opositivas decorre, para nós, das propriedades fixadas pelo analista, pelas propriedades do texto e pelas características da audiência (Morley, 1996, p. 177).

O que equivale a afirmar que embora as codificações sejam passíveis de uma análise textual, necessitamos explicar os termos da análise empírica a partir das categorias construídas. Não basta dizer que uma leitura preferencial é aquela que se aproxima do código dominante, a leitura negociada a que o receptor aceita parcialmente o emitido questionando-o, parcialmente com base em um contexto concreto ou que a leitura opositiva é aquela que se efetiva com base no conhecimento do contexto no qual a mensagem foi produzida, mas que o "leitor" proponha um marco distinto do considerado pelos produtores da mensagem (Morley, 1996, p. 130).

Uma das dificuldades do modelo é o pressuposto do caráter hegemônico da mídia ou, nas palavras de seu próprio criador: "o modelo trata a institucionalização da comunicação como algo demasiadamente unidimensional e diretamente relacionada à ideologia dominante" (2003, p. 368). Sobre isso, pensamos que tanto as representações são efeitos de uma prática, de uma experiência, como constituem essa mesma experiência. Isto não parece ser um impeditivo para afirmar que na relação entre discurso e prática é que poderemos construir uma explicação, mas no nível descritivo é



necessário analisar um termo e outro separadamente. O que não equivale a tomá-los como instâncias separadas.

No caso do objeto de estudo, observa-se que o gênero apresenta uma codificação predominantemente preferencial no que diz respeito às relações entre as classes, mas não necessariamente no tocante aos costumes. A telenovela aborda temas como a homossexualidade, as relações entre gerações, pais e filhos, preconceito racial, etc. com relativa abertura. Como resolver esse problema? Quando a codificação feita pela mídia for opositiva e a leitura do receptor for opositiva em relação ao código da mídia, pensamos que a leitura do receptor deva ser classificada como preferencial ou hegemônica; por outro lado, quando, neste mesmo caso a leitura do receptor for concordante com a da mídia, ela será classificada como opositiva. Em nosso trabalho ocorreu o segundo caso, quando o entrevistado comenta que a representação da pobreza nas telenovelas é bem realizada nas cenas que lidam com o preconceito sofrido pelos pobres.

Feitas estas considerações, explicitamos como foi feita a classificação dos entrevistados em termos do grau de criticidade quanto às representações da pobreza e quanto às leituras da TV. Para chegar à classificação dos entrevistados de classe média em críticos (leituras opositivas), medianamente críticos (leituras negociadas) e acrílicos (leituras preferenciais) seguimos três etapas: 1) análise de 8 (oito) afirmações acerca do mérito pessoal para a ascensão social, origens da pobreza, conflitos entre classes sociais, abordagem das relações entre classes na TV; 2) análise de 5 (cinco) respostas às perguntas sobre a intervenção governamental para diminuir a desigualdade e o desemprego, o modo de vida de ricos e pobres; a causa da pobreza; 3) análise das representações que elaboram sobre a pobreza no telejornal, a pobreza e a riqueza na telenovela. Em cada etapa os entrevistados foram classificados para serem reclassificados na etapa seguinte com a soma dos resultados parciais obtidos, de acordo com os critérios abaixo relatados.

Nas duas primeiras etapas, nas quais são analisadas as representações da desigualdade, a criticidade é entendida como a capacidade de perceber as causas estruturais da pobreza em detrimento das capacidades individuais, a difícil ascensão dos pobres, mesmo que possam ocorrer melhorias na qualidade de vida e na aquisição de bens de consumo; uma visão de mundo negociada se caracteriza pela percepção oscilante entre considerar causas estruturais e individuais e uma visão acrílica é aquela



que atribui ao indivíduo total responsabilidade acerca da sua posição na hierarquia social.

Os resultados da análise das representações da pobreza, nas etapas 1 e 2, indicam que 7 (sete) entrevistados são críticos, 5 (cinco) são medianamente críticos e 8 (oito) são acríticos: de um total de 20 (vinte), menos da metade são críticos. O comportamento dos medianamente críticos é o mais difícil de ser analisado uma vez que, no nosso ponto de vista, tanto podem pender para uma leitura hegemônica como contra-hegemônica. Tomando como base o argumento de Hall (2203, p. 371), o de que a maioria de nós, a maior parte do tempo faz leituras negociadas, alcançando integralmente uma leitura de oposição quando se engaja numa ação política, nossa escolha é considerar a leitura negociada como uma visão de mundo equilibrada que só tenderá para uma leitura opositiva ou referencial diante da participação do indivíduo em algum movimento social. Por isso na análise sistemática que fizemos as leituras negociadas, quando combinadas com leituras opositivas, são interpretadas como opositivas e quando combinadas com leituras preferenciais são interpretadas como preferenciais.

A seguir, descreveremos a análise da pobreza e das relações entre grupos sociais ricos e pobres nas telenovelas bem como as leituras dessas representações pelos receptores para, nas conclusões, apontarmos quais as relações que podemos efetuar entre a visão geral de mundo dos entrevistados e a incidência da telenovela nesta visão.

A terceira etapa da análise é aquela em que nos concentramos nos usos que os receptores efetuem das representações televisivas e será descrita após analisarmos as representações da pobreza na telenovela.

### **As representações da pobreza: a mediação do gênero**

Os entrevistados revelam que a telenovela é uma referência fundamental no cotidiano, dado o número de 26 telenovelas citadas: Da Cor do Pecado (19h, 2004), O Rei do Gado (20h, 1996-1997), Cobras e Lagartos (19h, 2006), Senhora do Destino (21h, 2004-2005), América (21h, 2005), Mulheres Apaixonadas (20h, 2003), Sete Pecados (19h, 2007-2008), Coração de Estudante (18h, 2003), Torre de Babel (20h, 1998-1999), Belíssima (21h, 2005-2006), O Clone (20h, 2001-2002), Beleza Pura (19h, 2008), Celebridade (21h, 2003-2004), Desejo Proibido (18h, 2007-2008), Chocolate com Pimenta (18h, 2003-2004), Prova de Amor (19h, 2005-2006), O Profeta (18h, 2006-2007), Era uma vez (18h, 1998), Mulheres de Areia (18h, 1993), Bang Bang (19h,



2005-2006), Kubanacan (19h, 2003-2004), A Viagem (19h, 1994), além daquelas novelas do horário das 21 horas que iremos comentar aqui e que estavam sendo exibidas durante o período de realização da pesquisa de campo (2007-2008): Páginas da Vida (2006-2007), Paraíso Tropical (2007) e Duas Caras (2007-2008) mais a soup opera Malhação (2006-2007), ressaltando que além das telenovelas, os entrevistados se referem também a soup opera Malhação.

Apresentamos aqui uma sinopse<sup>6</sup> das produções da novela das Oito, de forma a entender melhor a intenção dos autores/produtores. Nossa análise também se baseia na observação dos capítulos diários destas novelas. Nosso intuito é realizar uma breve síntese das relações entre pobres, classe média e alta para definir qual é o ponto de vista dos realizadores acerca da pobreza e de que modo ele se relaciona com a ideologia do desempenho, cujo fundamento moral apregoa que todo indivíduo tem o potencial de superar as adversidades de uma condição econômica desvantajosa.

Páginas da Vida, de autoria de Manoel Carlos, conta a história de Nanda, abandonada pelo namorado quando espera gêmeos. A jovem não sobrevive ao parto, mas o casal de gêmeos, Francisco e Clara, são salvos pela médica Helena. A menina, portadora da síndrome de Down, é rejeitada pela avó, que diz à família que a menina morreu, quando, na verdade, é adotada por Helena. O pai das crianças reaparece e, arrependido, decide recuperar a guarda do filho que vive cercado pelo carinho do avô Alex. A verdade sobre a adoção de Clara e a luta pela guarda das crianças são o tema central dos últimos meses da trama. Ao final da novela a justiça decide que as crianças continuarão com seus antigos responsáveis.

Como vemos, a trama se concentra nos aspectos da amizade e dos conflitos íntimos entre as classes. Outros pares amorosos se formam tendo como base a diferença de classe: Fred, filho do jardineiro que é empregado de Tide, inicia um namoro com Kelly, filha do advogado Eliseu e de Verônica, mulher fútil que vive planejando arrumar um casamento com um rapaz rico para a filha. Fred esconde sua situação econômica de Kelly e, no final dos capítulos acabam se casando. Os pais de Kelly perdem a posição econômica de classe média alta que tinham. Com exceção de Eliseu e Verônica, predomina a imagem do rico ou da classe média alta humanitária, seja na pessoa de Tide, que é um patrão muito correto com seus empregados, seja na figura dos

---

<sup>6</sup> As sinopses foram extraídas de dois sites. Novelas. Disponível em <<http://www.redeglobo.globo.com/html>>. Acesso em 09 de maio de 2008; XAVIER NILSON, Teledramaturgia. Disponível em <http://www.teledramaturgia.com/html>. Acesso em 09 de maio de 2008



médicos Helena e Diogo: ela, por adotar um filho negro e uma filha com síndrome de Down; ele, por ter trabalhado como médico em dois países africanos. Diogo é lembrado pelos entrevistados, atendendo pobres e aidéticos na África, quanto são perguntados sobre o tratamento realista acerca da pobreza. Outro personagem que também destacam como exemplo é o fotógrafo Renato, fotografando os mendigos nas ruas de São Paulo.

Em *Paraíso Tropical*, de autoria de Gilberto Braga, Antenor Cavalcanti é um empresário poderoso, frio, filho de um ex-presidiário trambiqueiro, Belisário, de quem quer distância. Perdeu seu único filho, Marcelo, quando este tinha dezesseis anos. Vê no filho de seu caseiro Nereu, o jovem Daniel Bastos, o possível herdeiro de suas empresas. Casado com Ana Luísa, ele se envolve com outras mulheres. Antenor decide expandir seus negócios. Ele agora pretende também atuar no ramo de resorts. O ambicioso Olavo resolve lutar pelo posto de herdeiro do patrão. Daniel conhece e se apaixona por Paula Viana, gerente de uma pequena pousada na Bahia. Até as vésperas da morte da mãe, Paula acreditava ser sua filha, porém descobre que tem outra filiação. Paula parte para o Rio de Janeiro em busca de suas raízes, mais precisamente de Isidoro, o avô que desconhecia ter. Ela ainda não sabe, mas tem uma irmã gêmea idêntica; e uma não sabe da existência da outra. Taís será a principal algoz da própria irmã.

A classe média de Copacabana é protagonizada pelo quarentão Cássio que nunca quis um relacionamento sério com Lúcia, com quem teve um filho no passado, Mateus. Lúcia é filha do jornalista Clemente e da professora Hermínia. Sua personalidade forte e determinada vai conquistar o frio Antenor, que se apaixonará por ela. Outra moradora de Copacabana é Marion Novaes, mãe de Olavo e Ivan, um bad-boy desajustado. Promoter fútil, cínica, divertida, chique e esnobe, ambiciona fazer parte do glamoroso mundo da alta sociedade carioca. Em alguns capítulos Marion lembra da infância pobre ao conversar com Paula, que também conta sua trajetória até migrar de uma cidade interiorana do nordeste para o Rio de Janeiro.

De *Paraíso Tropical* interessa destacar que o núcleo da narrativa se desenvolve em torno da classe alta e da classe média, tanto mostrando a vida de personagens que subiram na vida pelo mérito, como os que usam meios ilícitos ou desleais para ascender socialmente e os de classe média que estão preocupados em ter uma vida digna. Alguns personagens pobres também se relacionam com este núcleo principal: Bebel, uma prostituta, sua amiga que mora na favela, a garçonete do restaurante de Cássio que se envolve com o namorado com problemas de alcoolismo e que habilidoso designer de



jóias, que acaba fazendo muito sucesso e é assassinado pela vilã Paula. Como é usual nas telenovelas das 21 horas analisadas, existem personagens femininos que ascendem pelo casamento, como é o caso de Lúcia com Antenor e Daniel, um jovem de origem humilde, que por sua "competência", "bom caráter" (palavras textuais da Sinopse) e sorte (destino de conhecer Antenor e este não ter herdeiros) tem a chance de herdar uma fortuna. Igualmente há um equilíbrio entre pobres bons e maus, ricos bons e maus.

A trama de *Duas Caras*, de autoria de Aguinaldo Silva e direção de Wolf Maya, Cláudio Boeckel e Ary Coslov, desenvolve-se em torno de Adalberto Rangel um homem que dá um golpe em Maria Paula, aproveitando-se da sua fragilidade com a perda dos pais, casal rico e bom que morre em um acidente de carro. Adalberto muda de identidade com uma cirurgia plástica e torna-se um rico empresário que é rival do líder comunitário da favela da Portelinha, Juvenal Antena. A favela é o principal cenário da trama que interage com todos os núcleos da novela. Os moradores humildes são trabalhadores aos quais Juvenal se refere no capítulo do dia 29 de abril de 2008 como a maioria honesta dos moradores da favela em contraposição a minoria que se dedica ao crime, ao consolar Guigui pela morte do filho Ronildo num incidente com a polícia. Novamente, vemos o equilíbrio entre bondade e maldade caracterizando ricos e pobres.

O rico ruim é Ferraço e a filha de Branca (uma das donas da Universidade particular onde estudam moradores da comunidade de Portelinha e alunos mais aquinhoados que pagam as mensalidades), os ricos bons são o advogado Barretão e sua esposa Gioconda, seus filhos Barretinho e Júlia, a classe média alta protagonizada por Gabriel, Eva e os filhos Petrus e Ramona.

Os conflitos entre ricos e pobres são expostos de dois modos, repetindo a fórmula das interações afetivas entre pessoas pertencentes aos dois grupos e de maneira a criticar pessoas de esquerda – como o estudante, Rudolf, que se passa por pobre e o professor que quer prejudicar a Reitoria da Universidade – que estimulam o conflito entre "burguesia" e "trabalhadores". Essas lideranças são claramente apresentadas como negativas e manipuladoras, enquanto que a líder estudantil, Ramona, que disputa as eleições para a representação estudantil na Universidade é vista como honesta em contraposição aos métodos moralmente duvidosos de Rudolf. O conflito político acaba sendo resolvido pelo envolvimento amoroso entre Ramona e o "revolucionário tosco" e pelo triunfo de Branca, a "burguesa" que é rejeitada pela ala da esquerda. O modo tradicional de resolução do problema da desigualdade pelo amor pode ser observado na formação dos casais Evilásio (afilhado de Juvenal) e Júlia (filha de Barreto), Barretinho



(filho de Barreto) e Sabrina (filha do dono da quitanda da Portelinha), Petrus (filho do engenheiro Gabriel) e Bijouzinha (irmã da Rainha da Bateria da escola de samba da Portelinha), Claudine (secretária da Condessa Finzi Contini) e Misael (marceneiro, pai de Evilásio e Gislaine).

Finalmente *Malhação*, tanto na primeira (André e Marcela) como na segunda fase (Gustavo e Angelina), trata do amor entre jovem pobre e jovem rico, entre um bolsista do colégio *Múltipla Escolha* e outro aluno (a) que vive em um mundo diferente. Ambos terão que enfrentar inúmeros obstáculos para viverem seu romance. Além disso, *soap opera* no ar desde 1995, aborda temas polêmicos como AIDS, gravidez na adolescência, corrupção, diferenças de classe e diversidade cultural (Anuário OBITEL, 2008, p. 14). Percebe-se que as divisões entre ricos e pobres são maniqueístas, o que não ocorre na novela das Oito, os ricos são geralmente ambiciosos e desleais enquanto os pobres e a classe média modelos de superação e solidariedade.

Nas telenovelas das 21 horas analisadas, a ideologia do desempenho pode ser observada de várias formas, mas todas elas podem ser genericamente definidas como o investimento no trabalho, o bom caráter e a competência para o alcance de determinada posição e salário. A competência para o exercício profissional, aquisição de bens materiais ou sucesso em determinada área é tratada como algo que depende do esforço, persistência, mas que parece necessitar de um dom, de algo mágico. Por exemplo, *Ferraço* viveu uma infância miserável, é colocado numa escola ao mesmo tempo em que participa dos negócios excusos do tutor e, misteriosamente, na vida adulta é capaz de gerenciar uma grande empresa de forma a aumentar o capital usurpado de Maria Paula.

Além disso, a novela também desenvolve argumentos não contemplados na definição da ideologia meritocrática desenvolvida por Jessé de Souza (1993), mas que parecem colaborar para reforçá-la: a ênfase do gênero na sorte, no destino pessoal e nas relações pessoais alavancando a ascensão. A ideologia própria da telenovela é uma combinação da ideologia do desempenho com a ideologia explícita do personalismo, na qual as relações pessoais definem carreiras e chances individuais de ascensão social (Souza, 2006, p.48).

### **Leituras das representações da pobreza: apropriações da ideologia do desempenho**



Nosso esforço metodológico em definir leituras preferenciais, negociadas e opositivas é descrito de modo que possamos extrair os resultados sobre a possível relação entre representações da pobreza na telenovela e a ideologia do desempenho e a assimilação dessas representações pelos receptores. Na etapa 3 da análise, 5 entrevistados procederam a leituras opositivas, 12 entrevistados procederam a leituras negociadas da televisão e dois entrevistados realizaram leituras hegemônicas. Como resultado final, isto é, através da soma do resultado parcial das etapas 1 e 2 com o resultado da etapa 3 (interpretação dos entrevistados acerca da telenovela/telejornal) obtivemos a visão de mundo dos entrevistados acerca da pobreza: 7 leituras opositivas, 6 leituras negociadas e 7 leituras hegemônicas.

As leituras preferenciais são aquelas nos quais os pobres, nos telejornais, são vistos como um perigo à sociedade; quanto à telenovela, os entrevistados concordam totalmente com as representações da pobreza na telenovela no sentido positivo (o pobre que venceu, características pessoais do pobre) ou negativo (características pessoais do pobre). Nas leituras preferenciais, os entrevistados concordam com a possibilidade de uma pessoa de classe popular se casar com alguém de classe alta ou média, ascender pelo mérito ou concentram sua leitura apenas nos encontros e desencontros afetivos ou nas características psicológicas dos personagens que podem ser bons ou maus. Nela, percebe-se recorrente a visão do pobre através de suas características pessoais (tanto positivas quanto negativas), assim como a tematização do empenho pessoal, qualificação e trabalho como presentes na vida dos personagens. Os que caracterizam o pobre positivamente descrevem-no como um indivíduo que se esforça, uma “pessoa batalhadora, lutadora” que “melhora de vida” no decorrer da trama. No tocante à caracterização negativa, os argumentos centram-se em características pessoais dos personagens (malvada, arrogante, caipira).

O Tony Ramos (*Paraíso Tropical*) era pobre quando criança e depois construiu tudo aquilo, conseguiu tudo que ele tinha com o trabalho dele. Ele estudou, ele lutou para ter tudo o que ele tem e mereceu tudo aquilo que ele tinha. (Franciele)

Eu lembro que em *Celebridade* tinha um personagem que era envolvida com o malvado da novela e depois ela ficou boa". (Guilherme)

Sempre tem os mocinho contra os vilão. (Roger)

Senhora do Destino se tratava de um menina que tinha sido roubada e criada por Nazaré, uma pessoa ruim. (Mariana).



Aquela novela em que a Camila Pitanga era doméstica, que tinha um filho e o pai do guri acabou se apaixonando por ela, mas ela gostava do Semil, que era turco. (Simara)

As leituras negociadas são aquelas nas quais: quanto ao telejornal, os entrevistados procedem a uma leitura objetiva, isto é, observam as carências como reais sem que elas se constituam simplesmente como aspectos negativos, mas como fatos da realidade: profissões humildes, simplicidade das roupas, das casas, no uso da linguagem, dificuldades para atendimento médico; quanto à telenovela, os jovens repetem essa mesma visão objetiva da pobreza como carência, mas sem que isto se constitua simplesmente como algo negativo ou próprio de um certo tipo de personalidade que não se adequou ao sistema social. Nas leituras negociadas predomina a percepção do realismo na novela, isto é, os ambientes e o estilo de vida dos personagens compatíveis com a realidade. Os receptores relacionam a situação dos personagens com a realidade sem, contudo, citar causas estruturais ou criticar aspectos da Ideologia do Desempenho, tais como a ascensão social possibilitada pelo esforço individual.

O Evilásio por ser realmente pobre, por trabalhar, não ter estudo e depender do trabalho do pai é um retrato da vida do pobre. (Raquel)

Acho que *Duas Caras* retrata bem a vida do pobre(...) a mobília, o jeito (...). (Marina)

*Duas Caras* mostra a pobreza e a dificuldade que as pessoas passam. (Mariana)

Esse guri de *Malhação* que foi adotado e a Preta da *Cor do Pecado*. (Roger)

O jardineiro (*Paraíso Tropical*) é o mais realista: trabalha para se sustentar. (Hezry)

Eu lembro do Foguinho e da Preta, o jeito deles interpretarem deixa o personagem realista. (Andressa T.)

Os receptores que efetuaram leituras opositivas revelaram, em suas falas, o descrédito na ascensão social possibilitada apenas pelo empenho pessoal e a consciência entre as diferenças existentes entre a vida real e o melodrama, no qual a condição dos pobres é sempre amenizada e cujo enfoque mascara o conflito entre ricos e pobres. Os entrevistados comentam, ainda, acerca da importância do merchandising social ao debater um tema como o preconceito de classe ou o drama dos Sem-Terra.



Pode ver que os pobres sempre conseguem subir (...) então eu acho que muitas vezes as pessoas só ficam sonhando, acreditam que como aconteceu na novela vai acontecer na vida real. (Patrícia)

Em *Páginas da Vida* era como se eles tivessem uma amizade. Na vida real não tem amizade entre patrão e empregado. (Karine)

Os pobres não são pobres, são pessoas de classe média. (Bárbara)

Ninguém passa fome. Sempre tem um dinheirinho, ou sai um trabalho não sei de onde ou aparece um marido rico. (Virgínia)

Teve aquela história do cara skatista, que cuidava carro, eu acho, né? Tinha um certo preconceito com ele por ser pobre e negro, eles não aceitavam muito ele. Depois ele conseguiu entrar pro círculo de amizade no pessoal. (João)

No *Rei do Gado*, se não me engano, tinha os Sem-Terra, tinha gente que passou trabalho e lutou por alguma coisa. (Willian R.)

Nota-se a diferença da concepção personalista da pobreza efetuada através da leitura preferencial, pois os receptores problematizam a representação da pobreza também através das dificuldades simbólicas enfrentadas pelos pobres. As leituras opositivas ou críticas são aquelas nas quais os entrevistados consideram: necessária a representação da pobreza no telejornal não somente como carência ou marginalização, mas como dignidade (felicidade, alegria, capacidade de ações coletivas e solidárias, trabalho); a representação da pobreza como uma condição pouco problematizada quanto às dificuldades materiais e simbólicas enfrentadas pelos pobres; pouco provável a ascensão social pelo casamento; a pertinência da abordagem do preconceito de classe (aqui lembramos a concordância entre mídia e receptores, conforme dito anteriormente sobre o contra-hegemônico).

### **Conclusões**

Para finalizar, ressaltamos que a assimilação da ideologia do desempenho permite que a desigualdade seja justificada ao premiar a capacidade de desempenho objetiva e legitimar o acesso diferencial a chances de vida e apropriação de bens escassos (Souza, p. 169).

A esse respeito, observamos que a crença na ideologia do mérito é generalizada e de que há indícios de que a televisão colabora para sua incorporação no sentido de que a maioria dos 20 entrevistados concorda com a afirmação de que “subir na vida é uma questão de competência pessoal”, porém, 11 dos entrevistados (justamente a maioria dos que foram classificados como críticos ou medianamente críticos nas leituras da



televisão) discordam da afirmação de que “os pobres têm as mesmas chances de subir na vida que outras classes”.

Portanto, evidencia-se que tal assimilação não é homogênea, pois parte dos jovens percebem o caráter estrutural da desigualdade, enquanto a maioria oscila entre a consciência fragmentada, dividida entre considerar os determinantes de classe e o peso do esforço pessoal e do mérito, e a inconsciência<sup>7</sup> da classe como determinante das chances de vida. Esse resultado só foi possível pela utilização do modelo metodológico de Hall para o cruzamento: das representações da pobreza construídas pela televisão, das leituras das mesmas efetuadas pelos receptores com a visão de mundo que os jovens constroem acerca da pobreza e da desigualdade. Nossa tarefa, em uma próxima etapa, é explicar tais resultados à luz das mediações da família, da escola e do *habitus*.

### Referências Bibliográficas

GUIMARÃES, Nadya A. Trabalho: **uma categoria-chave no imaginário-juvenil?** In: ABRAMO, Helena W.; BRANCO, Pedro P. Martoni. Retratos da juventude brasileira. São Paulo: Instituto Cidadania/Fundação Perseu Abramo, 2005, p. 149-174.

HALL, Stuart. *Da diáspora. Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG; Brasília: Humanitas, 2003.

MATTOS, Patrícia. **A mulher moderna numa sociedade desigual**. In: SOUZA, Jessé (org.). *A invisibilidade da desigualdade brasileira*. Belo Horizonte: UFMG, 2006, p. 153-196.

MORLEY, David. Unanswered questions in audience research. **The communication review**, 9, p. 101-121, 2006.

MORLEY, David. **Televisión, audiencias y estudios culturales**. Buenos Aires: Amorrortu, 1996.

OLIVEIRA, Adriano M. **Jovens e adolescentes no ensino médio: sintomas de uma sistemática desvalorização das culturas juvenis**. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Educação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria.

---

<sup>7</sup> Como Bourdieu (apud Mattos, 2006, p. 162), consideramos que a luta de classes opera segundo critérios opacos e pré-reflexivos, não havendo garantias para que a situação de classe conduza à consciência de classe. Entretanto, estamos atentos para os casos em que a situação de classe pode permitir o desvendamento dessa opacidade.



Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Natal, RN – 2 a 6 de setembro de 2008

SOUZA, Jessé. **A construção social da subcidadania**. Para uma sociologia da modernidade periférica. Belo Horizonte: UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2003.

\_\_\_\_\_. **A gramática social da desigualdade brasileira**. In: SOUZA, Jessé (org.). *A invisibilidade da desigualdade brasileira*. Belo Horizonte: UFMG, 2006, p. 23-53.

VILCHES, Lorenzo (comp.) **Cultura y mercados de la ficción televisiva en Iberoamérica**. **Barcelona**: Gedisa, 2007, p. 77-108.